

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 23

Data: 20/08/72

Pg.: _____

*"Brasil mostra a indigenistas
como trata tribos do Xingu..."*

Cont.

JB

8/20/72

Depois de algumas horas de pouso no Parque do Araguaia, na ilha do Bananal, onde se encontram os Karajás em avançado grau de aculturação, com escola e hospital, criação de gado e plantação de cereais (sem por isso perderem o gosto e as técnicas da sua cerâmica e da sua arte plumária), seguiu o nosso grupo, composto de 30 participantes, estrangeiros e brasileiros, para o Parque do Xingu.

Ficará para sempre em nossa memória a lembrança do primeiro encontro, à descida do avião, com o grupo acolhedor e alegre de índias e índios que nos aguardavam, cobertos de colares, plumas e pinturas sobre os corpos nus. Em poucos instantes estávamos rodeados pelo festivo bando que nos estendia as mãos e nos abraçava com expressiva afabilidade. As crianças que nos cercavam, ofereciamos, por nossa vez, como penhor de amizade, brinquedos, balas e bombons.

Na ausência de Orlando, retido longe do Posto pela aproximação que tentava com novas tribos, recebeu-nos D. Marina, sua mulher e devotada colaboradora. Serena e amável, faz-se de todos obedecer pelo só prestígio de que frui na comunidade indígena dispersa pelos 22 mil quilômetros quadrados do Parque sob a direção e a guarda do seu marido. Deu-nos conhecimento das providências que havia tomado para hospedar-nos e incitou-nos a partir imediatamente ao encontro dos Lawalapiti, a três quilômetros de lá. A medida que deles nos aproximávamos, seguindo pela mata a trilha que os religava à sede do Posto, exaltávamos a fascinante perspectiva de deparar de súbito com o terreiro e as malocas da aldeia que habitavam!

Ao lado do chefe da tribo, caminhavam, à frente do nosso grupo, dois veteranos indianistas da Funai, o antropólogo Ney Land e

Entregues aos seus labores artesanais e aos seus encargos de família, fazem as mulheres bando à parte. Durante a nossa visita permaneceram quase todas no interior das suas moradas, onde foram com elas entreter-se as etnologas que participaram do Congresso Indigenista.

Onze tribos ocupam a região do Alto Xingu em que nos encontramos ao Sul do Parque Nacional: Auete e Kamaiurá, de língua Tupi; Lawalapiti, Meinaco e Waurá, de língua Aruak; Kalapalo, Kuicuro, Matipu, Nafuquá e Txição, de língua Karib; além dos Trumai que falam uma língua isolada. Ao norte do Parque, em torno do Posto Di-auarum, encontram-se também tribos do grupo Gê, como os Suiá e os Txucarramãe. Com exceção dos Txição, que somente em 1967 penetraram nessa área, todas as demais tribos aí se encontram desde tempos imemoriais. Descreveu-as pela primeira vez Karl von den Steinen, em 1884. O número dos índios era então de 3 000. Ao ser criado o Parque, em 1961, estavam eles reduzidos a 800, dizimados por epidemias, carência alimentar e guerras inter-tribais. Ao processo de extinção sucedeu, a partir dessa data, uma verdadeira ressurreição, graças às medidas de apaziguamento interno e de assistência tomadas pelos irmãos Vilas Boas.

O contraste entre a situação de hoje e a de então demonstra exuberantemente a viabilidade da recuperação da população indígena brasileira, desde que se apliquem para isso os meios adequados. O Parque Nacional do Xingu foi o teatro de uma extraordinária experiência, coroada do mais brilhante êxito. Tornou-se modelo a seguir, sem tergiversar, em todas as regiões do Brasil onde os contatos com os brancos põem em perigo a cultura e a vida dos silvícolas.

Ao retomarmos o caminho da sede do Posto, trazíamos das horas passadas no convívio dos Lawalapiti o sentimento da perenidade do ho-

O milagre que ali se realizou foi obra da ciência moderna posta a serviço da mais nobre das causas. A Antropologia pôs em evidência a complexidade do problema da aculturação e a prudência com que se devem processar os contatos entre índios e brancos. A Medicina armou o etnólogo dos instrumentos de vida que lhe haviam até aqui faltado: as vacinas imunizadoras contra o sarampo, a gripe, a varíola, a tuberculose, a paralisia infantil, a febre amarela. .. Mobilizou-se, ao mesmo tempo, o arsenal da quimioterapia para debelar as infecções, as verminoses, a malária. Convênios assinados com a Escola Paulista de Medicina e com o Serviço Nacional de Tuberculose conduziram ao levantamento estatístico das tribos indígenas e à determinação das suas condições de saúde, em rigorosos fichários. Paralelamente, realizaram-se estudos hematológicos, inquéritos parasitários e colheitas de soro.

Surgiu, assim, no Xingu, um novo índio, são, confiante e feliz. Com ele, e não com o pária degradado pelas aculturações forçadas, é que contará o Brasil de amanhã. Pelos seus índices de robustez, constituem as tribos, convenientemente tratadas, uma preciosa reserva genética. A acuidade dos sentidos e uma viva inteligência abrir-lhes-ão, quando chegar o momento, os rumos para todos os gêneros de atividade no cenário nacional. Mas, para isso, é condição *sine-qua-non* que se respeite o ritmo da sua própria evolução, sem violentá-la sob qualquer forma.

De várias partes do mundo levanta-se um clamor para que seja concedido aos irmãos Vilas-Boas o Prêmio Nobel da Paz. Em nome de todos os que tiveram a ventura de apreciar *in loco* a obra de amor e de saber por eles levada a efeito, rogo às altas autoridades do Brasil que não tardem em interceder no mesmo sentido junto ao Parlamento norueguês. Oxalá possa o mundo de amanhã organizar-se à imagem e semelhança do Parque Nacional do Xingu!